

Viajando com a linguagem de Eneida

Lucyrene Aranha Moura

Ao se ler a obra de Eneida de Moraes, é impossível deixar de admirar com olhos deslumbrados, os valores contidos na expressão de sua linguagem viva, colorida, sinestésica, dinâmica, explorando todos os recursos que a inspiram sua tendência plasticizante que demonstra um sentido poético da realidade infundindo-lhe sua alma, impugnando-lhe de seus sentimentos, dando-lhe as cores de sua fantasia.

Em toda a sua obra, na qual prevalecem as sensações, predomina um estilo simples, linguagem coloquial, regionalismo equilibrado, períodos curtos.

Entre os recursos que criam o aspecto pictórico na obra de Eneida, entre outros destacam-se, de forma bem colocada, a adjetivação expressiva, o emprego do gerúndio e do discurso indireto livre.

Localizamos várias passagens em que a transposição do adjetivo funciona como forma indireta e irônica de insinuar a posição do narrador em relação ao fato relatado, como:

" A tarde tão quente de verão foi mais longa e dolorosa naquele dia. "

" ...a meninazinha e eu, sem dizermos nada, com um bruto medo do que iria acontecer... "

" São objetos honestos, simples e sem pretensões, que nada dizem aos outros... "

Os adjetivos, nos fragmentos seguintes, apresentam caráter mais interpretativos que descritivos, servindo para animizar e dar sentido humano aos seres, como se exemplifica a seguir;

" A velha mangueira jamais nos acolheu em seus braços; era grande demais e hoje creio que ela fosse sombria e misteriosa, quase floresta escura. "

" Ao fundo, aquela senhora vegetal, tão gorda, tão grande... "

" Nenhuma outra árvore trazia em si aquela simpatia, aquele afeto, aquele companheirismo da caramboleira, baixa e gorda... "

" Que terá sido da caramboleira? (...) Estará ainda viva? É agora uma matrona e, se ficou tão gorda quanto era no passado, pode hoje ser chamada de digníssima senhora. "

O adjetivo exprime intenções subjetivas mais que atributos objetivos; vem carregado de afetividade, de conotação, em:

" Não posso assegurar que o mesmo quadro se reproduza hoje, na cidade em que nasci. Ela mudou muito; é agora uma triste e envelhecida cidade... "

" ...em minha terra, na longínqua e amada cidade de Santa Maria do Grão Pará. "

" ...tristes e negras grades. "

Usa, também, o adjetivo para:

- estabelecer nexos contraditórios, como em:

"...corria atrás dos moleques que éramos todos nós, meninos do meu tempo, ricos e pobres, negros e brancos."

"Havia louras, negras, mulatas e morenas; de cabelos escuros e claros, de roupas caras e trajes modestos."

"Depois de certo tempo, vitórias e derrotas se confundem."

- revelar uma visão mágica e sinestésica em:

"Agora um ébrio (...) continuava gritando com voz pastosa..."

"Palavras que em qualquer momento me despertam e agitam (...) naquele instante eram fluidas, sem cor, sem ressonância."

"...com voz clara, precisa, serena..."

"Ouvíamos, nitidamente, o vaivém doce (frim-frim) leve das cadeiras de embalo austríacas perturbando o silêncio."

Eneida soube, também, explorar, dos adjetivos, os aspectos qualitativos e quantitativos, geralmente em perfeita hierarquia e gradação, como se vê em:

"Tanta gente silenciosa, tímida, medrosa..."

"Seus sapatos são novos, lustrosos, cuidados..."

"As empregadas tristes, mudas, esmagadas, não compreendiam que eu ria para não causar perturbação às suas consciências..."

"Havia as tristes, silenciosas, metidas dentro de si próprias; as vibranteis, sempre prontas ao riso, aproveitando todas as momentos para não se deixarem abater."

Os advérbios, também, são largamente usados para efeito de sugestão rítmica e de superlativação, como em:

"Para completar a descrição, devo declarar que, além de alto, era magro muito magro. (...) E era triste, terrivelmente triste."

"Deveria estar falando em assuntos tremendamente sérios..."

"...na longinqua e amada Santa Maria do Grão Pará há uma prática extremamente bela, que se chamava banho de cheiro ou banho da felicidade."

"Como acontece em toda parte, há ricos e pobres, hoje como ontem, na minha cidade. Apenas os pobres de hoje são tremenda, monstruosamente pobres."

Encontramos, ainda, na obra de Eneida, a exploração do discurso indireto livre, criando uma ambigüidade entre o objetivo e o subjetivo:

"Eram muitos, muitos; janelas e portas se abriam em todas as casas. Quem deixava de comprar seu banho de cheiro para aquela noite?"

"Sabia com dignidade e eficiência a ação de todas aquelas plantas. Mulher precisa agarrar marido, namorado ou outro qualquer amor que começa a ser infiel? É só tomar banho com carrapato."

"Agora eu compreendia; eu sabia. Mamãe tivera, como sempre, razão. Como poderia eu ter entendido na época da descoberta da rua, (...) a desgraçada vida daquelas mulheres, suas blusas tão decotadas, seus olhos tão cansados, suas bocas tão pintadas?"

Outro recurso freqüentemente empregado por Eneida é a valorização do gerúndio, que usou para:

- dar idéia de continuidade de ação, ação em curso, como transcreve-se a seguir:

" Meses passando, algumas vezes o assunto voltava, mas já perdera o calor dos primeiros momentos. Fatos tornando-se cada vez mais longínquos. "

- referir-se a uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

" Dois homens fortes - o Pedro e seu Joaquim - seguravam a corda atrás de mim, e eu ia subindo, subindo, eles iam soltando-a lentamente até que eu ficava bem em cima da manjedoura... "

- exprimir a idéia de progressão indefinida, pelo aspecto inacabado do gerúndio, surgindo, daí, uma construção afetiva, ação que se prolonga:

" Sabá vendendo banhos miraculosos no mercado; Sabá evitando desgraças, abençoando com ervas os amores, fortalecendo com plantas lares arruinados. Sabá amando, colaborando, construindo. Homens com tabuleiros gritando " chêro cheroso ", balões subindo aos céus (...), fogueiras crepitando, banho de cheiro fervendo, castanhas pulando quentes no meio do fogo, (...) famílias crescendo, as festas caipiras, os remos de jasmim e os Boi-Bumbá vindo para a porta de nossa casa, pedindo licença para entrar. "

" Penso em pés desbravando a Amazônia, pés construindo estradas, pés plantando, pés cuidando de terras e civilizando-as, pés trabalhando, pés preparando açudes, pés criando, pés produzindo. "

Aparece, também, o gerúndio como ação posterior, equivalendo, geralmente, a um acréscimo, ou seja, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção " e ":

" ...as famílias dos jogadores - mirins compareceram em peso, levando amigos e conhecidos. "

" Quando meus desejos mocinhos chegaram, a açuceneira - um arbusto - queria ser árvore para se debruçar na minha janela, colaborando nos meus sonhos. "

" A pergunta tornava-se insistente, exigindo uma tomada de posição. "

Outro uso do gerúndio é como ação simultânea, correspondendo a um adjunto adverbial:

" São os mesmos pés que eu gostaria de ver dançando, amando, pulando, cantando.

(...): vivíamos usando e abusando de todos os prazeres de nossa cidade. "

Encontramos verbos, substantivos e adjetivos amplamente usados como componentes metafóricos:

" Teu irmão é um banana. "

" Quantas bandeirinhas de papel de cor! Que mundo de lanternas japonesas! "

" A velha mangueira (...) e hoje creio que ela fosse sóbria e misteriosa, quase floresta escura. "

" O Amazonas estava no seu sangue e no seu coração: um amor caudaloso, tão grande que ninguém, em nenhuma época, pôde afastá-la de seu rio e daquelas viagens. "

" Há palavras magrinhas e altas, fazendo bailados. "

" ...está pisando levemente a areia, e o sino ri alto, brincando de bater no besouro. "

Nesta rápida análise que fizemos de alguns dos recursos estilísticos (porque existem muitos outros mais) da obra de Eneida de Moraes, viajamos com ela por um mundo encantado, fruto tanto da realidade, como de sua imaginação, a que ela chamou de Aruanda.

Mundo de sonhos, de esperanças, de promessas, de revigoração de nossas energias.

O corre-corre dos dias atuais na luta pela sobrevivência, a inversão do valores éticos que presenciamos, provocam profundos desgastes físicos e emocionais, e a leitura de Aruanda nos conduz para um *" país de Liberdade e de Paz, país sem desigualdade nem ódios, sem injustiças nem crueldades, país de amor sonhado por todos os homens. "*

Mas a luta pela vida continua: o compromisso, o dever, a obrigação nos obriga a interromper a leitura, a fabulosa viagem que fizemos com Eneida.

Todavia, voltaremos mais fortes, com mais disposição para a luta para a retomada do caminho da vida que, como pensa Eneida de Moraes, *" é um grande bem coletivo. "*

Daí o legado oferecido: a esperança, a força e a coragem, através da leitura de sua obra que nos conduz à evasão da cadeia de problemas atuais, deste mundo de tanta violência e competitividade desumana, revivificando, restaurando nossa vontade de sorrir, sonhar, viver.

Lucyrene Aranha Moura - professora de Língua Portuguesa e Redação; e Chefe do Departamento de Língua e Literatura da UNAMA.